

SEMÂNTICA COGNITIVA, SEMÂNTICA DE LÍNGUA, SEMÂNTICA DE DISCURSO, INTERTEXTUALIDADE, INTERDISCURSIVIDADE

Cidmar Teodoro Pais*

RESUMO: Este trabalho, de caráter multidisciplinar, examina aspectos da parassinonímia e da co-hiponímia, enquanto fenômenos conceptuais e metalingüísticos, como procedimentos determinantes de intertextualidade e interdiscursividade, assim como relações entre cognição, semiose e transcodificação, de acordo com articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua, semântica de discurso, sociossemiótica e semiótica das culturas, concluindo-se pelo estudo de um caso.

Palavras-chave: Interdiscursividade; Intertextualidade; Léxico; Semântica Cognitiva; Semiótica.

0. INTRODUÇÃO

Este trabalho, de caráter multidisciplinar, examina aspectos dos processos da *parassinonímia* como fenômenos conceptuais e metalingüísticos, ou como conjunto de procedimentos determinantes de intertextualidade e interdiscursividade, face às articulações postuláveis entre semântica cognitiva, semântica de língua e de discurso, sociossemiótica e semiótica das culturas. Utilizaram-se modelos teóricos concernentes ao percurso gerativo da enunciação de codifica-

(*) Professor do Departamento de Linguística da FFLCH-USP.

ção e decodificação e às transformações/conversões entre as unidades correspondentes aos distintos patamares de produção discursiva: da *percepção* à *conceptualização*, ou seja, entre uma vivência e sua apreensão, segundo latências, saliências e, sobretudo, pregnâncias socioculturais, escolhas coletivas de traços semântico-conceptuais; a *conceptualização*, que compreende a construção do *conceptus*, ‘modelo mental’, com base nas pregnâncias, e do correspondente recorte cultural, *designatum*; a *denominação*, que estabelece a relação entre ‘modelo mental’, do metassistema conceptual, e a unidade lexical ou unidades lexicais, do sistema e das normas lingüísticas, discursivas; a *designação*, que instaura a relação entre unidade lexical e *designatum*; a *referência*, que engendra a relação entre a *função semiótica* e os ‘objetos do mundo’ (na concepção Aristotélica). Formalizaram-se redes léxico-semântico-conceptuais, semântico-sintáticas, referenciais, pragmáticas, da *cognição* à *semiose*, especificamente quanto à parassinonímia. Verificou-se que esta não constitui apenas uma relação horizontal, de lexia a lexia, no plano lingüístico, mas pressupõe transformações na rede dos ‘modelos mentais’, no nível conceptual. Relacionam-se conjuntos de traços semântico-conceptuais, os *conceptus* (*conceptus*, -us, cf, Gaffiot, 1934: 369; Freund, 1929: 1376), entre si e entre sememas lingüísticos frásticos e transfrásticos coocorrentes, ainda, entre estes, *designata* e referências, suscetíveis de provocar uma *releitura* e um reordenamento *léxico-semântico-conceptual*. Obtém-se explicação mais rigorosa dos processos de significação, como parassinonímia, co-hiponímia, hiperonímia/hiponímia, instrumentos de metalinguagem, de rediscorso, de *reelaboração* do *mundo semioticamente construído*, do *imaginário coletivo*, do *saber compartilhado sobre o mundo*.

1. DO MUNDO SEMIOTICAMENTE CONSTRUÍDO, DO PERCURSO GERATIVO DA ENUNCIÇÃO, DA COERÊNCIA E DA COMPATIBILIDADE

Investigam-se, aqui, as relações entre o processo de construção e reconstrução do ‘saber sobre o mundo’, *episteme*, efetuado pelo *sujeito cognitivo*, e o processo de elaboração e reelaboração de um *mundo semioticamente construído* (Pais, 1993: 556-561), pelo *sujeito enunciadador/enunciatário* (Courtès, 1991) do discurso. Consideraram-se o percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, seus níveis de estruturação e transformações, examinando-se de que modo neles se inscrevem e se articulam o *fazer cognitivo* e o *fazer discursivo*. Em trabalhos anteriores, estudáramos muitos aspectos dos processos de produção da significação e da informação, da construção e permanente reconstrução das ‘visões do mundo’, nos sistemas significantes, dos problemas observáveis nas relações que se estabelecem entre os *processos semióticos*, (sistemas semióticos e seus discursos) e a sociedade e a cultura em que se verificam sua operação e manifestação. Trata-se de um domínio multidisciplinar, de que decorre a exigência de cooperação intensa entre ciências e domínios como a lingüística, a semântica cognitiva, a semiótica, a antropologia, a sociologia, a história, a filosofia da linguagem, as lógicas, as ciências da comunicação, a pesquisa da inteligência artificial.

A nosso ver, *processos semióticos* – sistemas semióticos e seus discursos dialeticamente articulados como suas duas instâncias (Pais, 1993: 309-328, 404-419) – verbais, não-verbais e sincréticos – são concebidos como processos de produção, simultaneamente, da significação – relações entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, funções semióticas e metasemióticas *lato sensu* –, da informação do conteúdo – vistos como recortes culturais –, produção, transformação e reiteração da ideologia, entendida como sistema de valores e, por conseguinte, da ‘visão do mundo’. Especialmente deli-

mitados e historicamente determinados, devem estudar-se, em sua estrutura e funcionamento, como instrumentos de comunicação humanos, dotados de mecanismos de auto-regulação e auto-alimentação, e em sua mudança no eixo da história, em suas relações com a sociedade e a cultura, enquanto instituições sociais, culturais e históricas.

Verificamos que diferentes *processos semióticos* em funcionamento numa mesma comunidade lingüística e sociocultural, não obstante a diversidade da natureza de seus códigos e processos de tratamento da informação, produzem e reiteram, de modo geral, recortes culturais *compatíveis*, sistemas de valores e 'visões do mundo' *coerentes*. Esse fato é detectável não só nos percursos de transcodificação inter-semiótica, como também nos percursos sintagmáticos concomitantes dos discursos das semióticas sincréticas, resultantes do funcionamento em paralelo de várias semióticas-objeto ditas 'simples' (Pais, 1993: 382-403). Nessas condições, os *processos semióticos* constituem, em conjunto, a macrossemiótica de uma cultura (Pais, 1993: 420-421).

Esse caráter culturalmente coerente e articulado, no tocante à informação, observado nos processos semióticos, conduziu à necessidade de propor noções operacionais, na metalinguagem científica, de formalizar metamodelos, para tentar explicar não somente os mecanismos que autorizam as transcodificações e impõem a coerência e a compatibilidade mencionadas, no interior de uma macrossemiótica, mas também que permitem as transcodificações inter-macrossemióticas, de uma a outra cultura. Daí decorreram nossos esforços de reconstrução teórica dos patamares do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, dos correspondentes processos de elaboração, transmissão, armazenagem, recuperação e reelaboração da informação. Esses patamares e processos correspondem, teoricamente, a níveis de abstração, dos textos manifestados até as estruturas hiperprofundas, em correlação com os diferentes univer-

sos semióticos, no sistema e nas normas (Pais, 1993: 522-553, 554-602; 1998).

O percurso gerativo, proposto por Greimas (1979: 157-160), em semiótica, e, quanto à lingüística frástica, por Pottier (1974: 35-57; 82; 1987: 59-66), levou-nos a procurar articular os dois modelos e, ainda, o nível hiperprofundo da conceptualização (Rastier: 1992: 73-114) e do metassistema conceptual (Pottier, 1992). Dessa maneira, nós o concebemos como um percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação. Nessa concepção, o percurso gerativo da enunciação de codificação, realizado pelo sujeito enunciador, vai da percepção biológica – culturalmente filtrada – e da análise da experiência até a sua manifestação em discurso e, inversamente, o percurso gerativo da enunciação de decodificação, realizado pelo sujeito enunciatário ou reconstrução teórica do lingüista e do semioticista, vai dos textos manifestados, únicos objetos diretamente observáveis, à reconstrução da experiência. O percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, compreende, nessa formalização, os patamares de *percepção*, *conceptualização*, *semiologização*, *semiotização* – que inclui a lexemização e a atualização – chegando à *semiose* em discurso, quanto ao *fazer persuasivo*; os patamares de *percepção* (do texto), *reconhecimento* da semiótica-objeto, *ressemiotização*, *ressemiologização* e *reconceptualização*, quanto ao *fazer interpretativo*, a reconstrução, pelo sujeito enunciatário, de uma análise da experiência e consequente realimentação e auto-regulagem do metassistema conceptual e dos processos semióticos dele dependentes. (Pais, 1993: 309-328, 522-553, 554-602; 1998).

2. DO METASSISTEMA CONCEPTUAL, DOS LÉXICOS, DA PRODUTIVIDADE DISCURSIVA

A compatibilidade dos recortes culturais, a *coerência* ideológica e a própria *possibilidade* das *transcodificações* exigem

postular teoricamente uma instância, imediatamente subsequente à percepção biológica e, portanto, *pré-semiótica* – entendida como etapa logicamente necessária – e *trans-semiótica* – no sentido de sua disponibilidade, para ser tratada, em seguida, por qualquer semiótica-objeto: o nível do *metassistema conceptual*, da *conceptualização*, das *estruturas hiperprofundas* (Pais, 1993: 535-541, 562-598). Nesse nível, são produzidos recortes culturais – destacados do *continuum* dos dados da experiência, como objetos, processos e atributos de objetos ou de processos – e analisados, a seu turno, em traços semânticos conceptuais, os *noemas*, objeto da noêmica (Pottier, 1992: 61-69). Uma rede de relações se estabelece, pois, entre os recortes culturais – os *designata* do mundo ‘referencial’ – e os conjuntos noêmicos, entendidos como *designationes* potenciais, como matrizes sígnicas pré-semióticas e trans-semióticas, correspondentes aos *conceptus*, ‘modelos mentais’, da semântica cognitiva (Rastier, 1991: 73-114). De maneira geral, a cada *conceptus*, enquanto ‘modelo mental’, relacionam-se um ou vários conceitos, numa língua natural.

Entretanto, na passagem do patamar da percepção ao da conceptualização, convém distinguir três estágios de atributos semânticos: as *latências* entendem-se como os atributos semânticos possíveis dos ‘objetos’ e ‘processos’ da semiótica natural; as *saliências*, como os atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos ‘fatos naturais’ (“o perceber”), as *pregnâncias*, (“o conceber”), por sua vez, constituem o resultado da atividade do homem, das *escolhas* que faz na *apreensão* daqueles ‘fatos’ (Pottier, 1992: 61-69; Pais, 1993: 556-561, 1998).

Nessa perspectiva, o *protótipo* (Dubois, 1991) deve ser considerado como núcleo noêmico, ou núcleo sêmico conceptual. A ele podem corresponder um ou vários *conceptus* que o contêm, numa relação de inclusão. O *conceptus*, ou ‘modelo mental’, constitui, assim, um conjunto noêmico expandido,

conjunto sêmico conceptual, resultante de uma *escolha* do sujeito individual e/ou coletivo. Articulam-se dialeticamente os *conceptus* e os recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como ‘referentes’, ‘objetos do mundo’ semioticamente construído de uma cultura e sociedade.

Aqui, parece-nos indispensável formular a hipótese de que todo metassistema conceptual compreende dois níveis e três tipos de elementos. Os processos mentais, na *atividade cognitiva do homem*, os mecanismos de produção dos recortes culturais, de constituição dos ‘modelos mentais’, dos *conceptus*, os mecanismos de seleção, de mudança e de fixação dos atributos semânticos, do estabelecimento e da transformação das relações entre tais formações e de sua conversão semiótica (através do percurso gerativo) são próprios ao homem, enquanto espécie biológica e, nesse sentido, universais; nesse primeiro nível, o mais profundo, situam-se elementos e estruturas que integram a aptidão semiótica geral do homem – denominadores comuns de todas as culturas e sociedades –, que definem os universais semântico-sintáticos da linguagem e da significação, que dirigem os processos de construção dos ‘modelos mentais’, as *operações cognitivas*. A universalidade desses processos e mecanismos assegura a possibilidade de transcodificações entre metassistemas conceptuais distintos e, *ipso facto*, entre semióticas-objeto de culturas e de macrossemióticas diversas (Pais, 1993: 584-598). Em contrapartida, no segundo nível do metassistema conceptual, ainda pertencente às estruturas hiperprofundas mas subordinado ao primeiro e, portanto, menos profundo, é preciso situar três tipos de *conceptus* construídos, que constituem conjuntos ordenados de noemas e de *conceptus* bem definidos – o ‘léxico-conceptual’ –: a) os *conceptus lato sensu* específicos de uma cultura, característicos desta e disponíveis para todas as semióticas-objeto de uma macrossemiótica, resultantes do *processo histórico da cultura*, que, por sua vez, compreendem: b) os *metaconceptus*, subconjunto de tra-

ços semântico-conceptuais, de caráter cultural; c) os *meta-metaconceptus*, subconjuntos de traços modalizadores, manipulatórios (Barbosa, 1999, 2000); d) os *arquiconceptus*, subconjuntos dos primeiros, constituídos de traços semântico-conceptuais situados na intersecção entre vários *conceptus* e recortes de línguas e culturas, multilingüísticos, multiculturais (Thoiron, 1996), como, na ‘latinidade’, por nós considerada em trabalhos anteriores, em que estudamos, no âmbito da semântica cognitiva e da semiótica das culturas as oposições *privilégio x restrição* e *tradição x modernidade*, num estudo contrastivo das culturas e das sociedades do Brasil e da França (Pais, 1999), do Brasil e de Cuba (Pais, 2000). Esquemáticamente:

Classes de Noemas / <i>conceptus</i>	Caracterização semântico-conceptual	Natureza
Noemas ‘universais’	‘Universais’ semânticos hiperprofundos	Mecanismos básicos da cognição
<i>Conceptus</i>	Atributos semântico-conceptuais culturais	Pregnâncias/escolhas
<i>Metaconceptus</i>	Atributos culturais ideológicos	Pregnâncias/ideologia
<i>Metametaconceptus</i>	Atributos modalizadores manipulatórios	Pregnâncias/ideologia
Arquiconceptus	Atributos multiculturais, multilingüísticos	Intersecção conceptual

Figura 1: Classes noemáticas e conceptuais

Trata-se, pois, de uma construção cultural e histórica, específica de uma macrossemiótica, ou resultante de interferências de outras macrossemióticas.

Ainda nesse nível, situa-se uma ‘sintaxe-semântica’ conceptual, encarregada da produção dos *complexos conceptuais*, seqüências sintagmaticamente ordenadas de *conceptus*, sus-

cetíveis de ser manifestados como enunciados, enquanto análise de determinada experiência, nos textos produzidos por uma semiótica-objeto. Os complexos conceptuais distinguem-se por dois tipos de relações básicas de *atribuição*, a *atribuição de atributos* – relações de equivalência, de inclusão, de pertinência – e a *atribuição de processo*. De maneira sumária, nossa formalização:

Complexo conceptual	Atributivos de atributo	$A \cong / \supset / \subset / \in \dots B$
Esquema de entendimento		$\bigcirc \leftarrow \square$
Complexo conceptual	Atributivos de processos	A <CAUS> B: $a \rightarrow b, A \cong / \neq B$
Esquema de entendimento		$\bigcirc \rightarrow \square \rightarrow \bigcirc$

Figura 2: Complexos conceptuais e esquemas de entendimento

No caso das línguas naturais e seus discursos, torna-se possível analisar, descrever e explicar, de maneira mais precisa, não só as relações de significação, intrasemióticas, como também as relações léxico-semântico conceptuais, a nosso ver, de grande interesse para semanticistas, lexicólogos, lexicógrafos e terminólogos (Barbosa, 1998).

Os *metassistemas conceptuais* assim construídos, em sua dinâmica, funcionam como *instância pré-semiótica e trans-semiótica*, assegurando a citada coerência dos recortes culturais e a compatibilidade ideológica intracultural e intra-macrossemiótica, sustentadas em discurso. Assim, os *conceptus*, enquanto matrizes signícas, são disponíveis para o *engendramento* de funções semióticas e funções metasemióticas (Hjelmslev, 1968: 65-79, 144-157; Pais, 1993: 384-403, 548; 1998), em todos os sistemas semióticos e discursos dependentes do mesmo metassistema conceptual. Sua conversão em significações se dá no percursos gerativo próprio a cada processo semiótico. Nas línguas naturais, autorizam o engen-

dramento/recuperação das unidades lexicais: lexemas, no sistema; vocábulos, nas normas.

Podemos, pois, estabelecer relações entre os *conceptus lato sensu* e os sememas das unidades lexicais que configuram os casos de parassinonímia, co-hiponímia e hiperonímia-hiponímia (Barbosa, 1998). Esquemáticamente, temos:

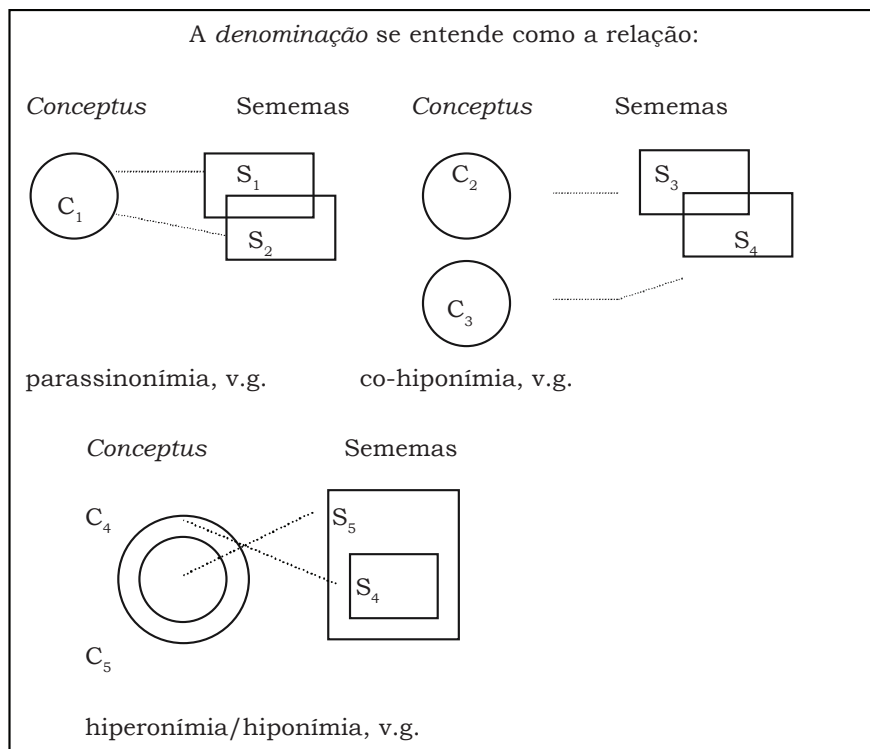


Figura 3: Relações léxico-semântico-conceptuais

3. DISCURSO, INTERTEXTUALIDADE, INTERDISCURSIVIDADE, TRANSCODIFICAÇÕES

O processo discursivo, sabe-se, é o único lugar possível da semiose, seja da produção de significação e informação

novas, seja da reiteração de significação e informação preexistentes. Num discurso, as funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* têm um valor de comunicação exclusivo desse discurso. O discurso lingüístico e o das semióticas não-verbais co-ocorrentes, como a gestualidade, assim como os discursos complexos das semióticas sincréticas determinam tratamentos em paralelo e *processos de semiose concomitantes, transcodificações simultâneas*, possibilitadas justamente pelo metassistema conceptual subjacente. Resulta dessa produção significativa e informacional, através do percurso gerativo da enunciação de decodificação, a auto-regulagem e realimentação do metassistema conceptual e de todas as semióticas-objeto dele dependentes. Por certo, o mecanismo é mais complexo, nos processos discursivos em que se dão transcodificações entre semióticas-objeto pertencentes a diferentes macrossemióticas, dependentes de metassistemas conceptuais distintos.

As *significações* e os *recortes culturais* produzidos, vimos, determinam a configuração de um *mundo semioticamente construído*. As significações só podem existir no interior de uma semiótica-objeto, no âmbito da macrossemiótica; não são transcodificáveis; a *informação de conteúdo*, ao contrário, fundamentada nos *recortes culturais*, é *suscetível de transcodificação*, não só de uma semiótica-objeto a outra, como também de uma macrossemiótica a outra, ainda que haja filtragem e certa perda de informação potencial.

Constitui o léxico um *espaço semiótico* privilegiado, nos sistemas semióticos que são as línguas naturais. Com efeito, através dele, sobretudo, se realizam a produção, a reiteração, a transformação e a manifestação dos recortes culturais e da correspondente 'visão do mundo'. Uma tensão dialética e um processo de alimentação e realimentação são sustentados entre o léxico e os sistemas e práticas sociais e culturais (Pais, 1993: 373-381, 641-649). Noutros termos, o léxico é um instrumento de produção da cultura e, ao mesmo tempo, seu

reflexo. Se uma língua natural e seus discursos, assim como os sistemas semióticos não-verbais e sincréticos, pertencentes a uma mesma comunidade lingüística e sociocultural, integrantes da mesma macrossemiótica, produzem e reiteram recortes culturais compatíveis, um sistema de valores coerente, como vimos, segue-se que esses recortes culturais são específicos de determinada cultura, de sorte que não é possível encontrar, noutras culturas, elementos que lhes sejam idênticos, no sentido matemático do termo. Fenômeno comparável se verifica nas relações entre dada língua natural e as metalinguagens, as ‘línguas de especialidade’, a partir daquela construídas, entre uma língua natural e seus universos de discurso. Nessa perspectiva, toda transcodificação constitui uma busca de informações do conteúdo aceitáveis como ‘equivalentes’, para as quais se engendram significações intrasemióticas, na semiótica-objeto receptora, capazes de manifestá-las. Soluções parciais: não existem ‘sinônimos’ perfeitos numa língua natural e é impossível encontrá-los, de uma língua para outra.

Consideramos, pois, que os *conceptus* e os complexos conceptuais asseguram os processos de elaboração, transmissão, armazenagem, recuperação e reelaboração da informação, a possibilidade das *transcodificações intradiscursivas, interdiscursivas, intrasemióticas, intersemióticas, intra-macrossemióticas e inter-macrossemióticas*. Desse modo, os elementos do nível conceptual, *conceptus* e *complexos conceptuais* desempenham o papel de um *tertium comparationis* (Pais, 1993: 569-578) entre funções semióticas e metasemióticas *lato sensu*, recortes culturais, entre *designationes* e *designata* –, seja no interior de uma semiótica-objeto e seus discursos – na norma de um universo de discurso, ou quando se passa de um universo de discurso a outro –, seja quando se passa de uma semiótica-objeto a outra, seja, ainda, quando da passagem de uma macrossemiótica a outra, tanto para o lingüista e o semioticista, em seu caráter operacional, como para os sujeitos semióticos enunciadore/enunciatários, em geral,

em seus processos de produção discursiva, ainda que disso não sejam conscientes, eis que se trata de mecanismos automatizados. Por isso, entendemos que os *conceptus*, para o pesquisador, como para os sujeitos semióticos enunciatórios das semióticas-objeto verbais, não-verbais e sincréticas, constituem *critérios* e *parâmetros* que permitem *avaliar* a qualidade e a quantidade de informação produzida, o instrumento, para *estabelecer relações* entre unidades do léxico das línguas naturais, unidades das metalinguagens construídas a partir daquelas, significações, recortes culturais que são encarregadas de representar, entre *designationes* e *designata* e, ainda, para *julgar* as equivalências postas e a precisão relativa das transcodificações. Esquemáticamente temos:

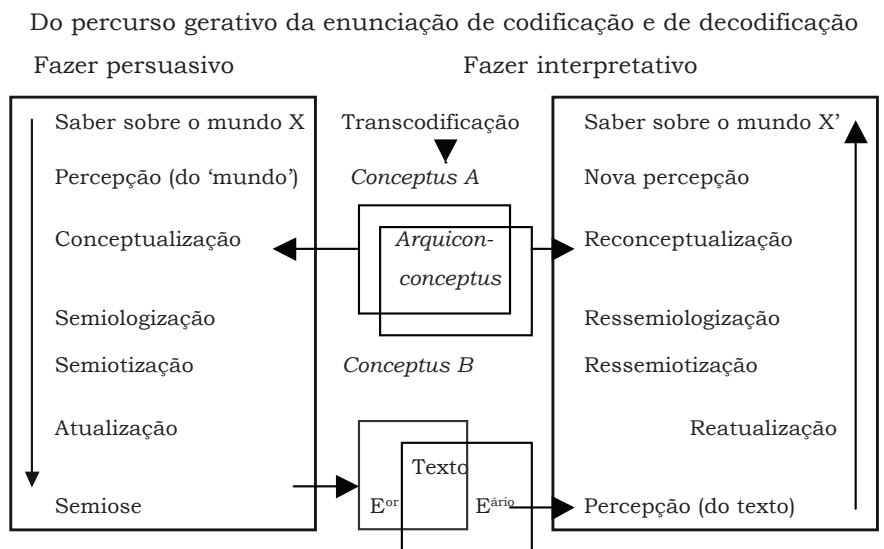


Figura 4: Da transcodificação conceptual no percurso gerativo da enunciação enunciatório-enunciatário

4. DA CONCEPÇÃO DE UNIVERSO DE DISCURSO

Tomando-se a noção matemática de *universo* como “conjunto de todas as partes”, torna-se possível elaborar uma concepção muito útil, operatória, o *metamodelo de universo de discurso* (Coseriu, 1967; Pais, 1984).

Assim, este pode ser definido como um conjunto não finito, ou que tende *ad infinitum* de todos os discursos manifestados ou manifestáveis, que apresentam determinadas características e *constantes*, assim como determinadas *coerções*, suscetíveis de configurar uma *norma*.

Dessa maneira, o conjunto de discursos pertencentes a um mesmo universo de discurso pode ser formulado como:

$$D_x = \{dx_1, dz_2, dx_3, \dots, dx_n, \dots\}$$

A norma discursiva que lhe corresponde, definida por tais características comuns e constantes, bem como por tais coerções, configura, portanto, um conjunto de *critérios de equivalência*, pelos quais é lícito reunir discursos manifestados, discursos-ocorrências numa *classe de equivalência discursiva*, o universo de discurso considerado. Essa norma é dinâmica, seja porque se reformula continuamente, ao longo do eixo da História, seja porque sofre a interferência de normas de outros universos de discurso. O sujeito falante-ouvinte, ou, de outro ponto de vista, o sujeito enunciatário-enunciatário, dela tem ou pode ter uma noção intuitiva, ao passo que, do ângulo científico, a norma discursiva assume sempre um valor estatístico (constantes em relação a variáveis) e nunca imperativo, já que um único e mesmo discurso manifestado pode pertencer simultaneamente a mais de um universo de discurso, como, por exemplo, o científico/pedagógico.

Por outro lado, semelhante norma de universo de discurso compreende, na verdade, uma série de normas frácticas,

lexicais, sintáticas, semântico-sintáticas e, por vezes, fonético-fonológicas; e outras tantas normas transfrásticas, narrativas e discursivas, relativas à argumentação, à veridicção, à verossimilhança, ou à eficácia e às relações entre estas, as concernentes aos mecanismos de persuasão/interpretação, de manipulação/contramanipulação, de sedução, a formulações específicas das relações enunciado/enunciação, das relações intersubjetivas e espaço-temporais, como, ainda, as que dizem respeito às modalidades e às modalizações discursivas dominantes, ou às que estariam, em princípio, excluídas, e, enfim, aos processos de produção e sustentação de ideologia próprios aos diferentes universos de discurso.

Além disso, a conceituação de um universo de discurso deve levar em conta, igualmente, as relações que se estabelecem entre os discursos manifestados – relações efetivas, a partir das quais se estabelecem propostas de descrição das normas que lhes são subjacentes – e entre os discursos manifestados e os manifestáveis – relações virtuais –, ou seja, *relações interdiscursivas*, devendo-se considerar, ainda, as relações que se instalam entre os textos desses discursos, ou seja, *relações de intertextualidade intrasemiótica stricto sensu* (isto é, a intertextualidade dinamicamente concebida no interior de um universo de discurso).

Nesses termos, a noção de universo de discurso pode ser assim formalizada:

$$Ud_i = \{D_i, D_i/N_i, Rd_i, Rtx_i\}$$

onde UD = universo de discurso; D = discurso-ocorrência, manifestado ou manifestável; N = norma(s) correspondente(s) ao(s) universo(s) em questão; R = rede de relações; Tx = texto do discurso.

Por conseguinte, temos, numa *semiótica-objeto* constituída por uma língua natural – e seus discursos –, por exemplo, espacialmente delimitada, socioculturalmente condicio-

nada e contextualizada, historicamente determinada, a definição de *microsemióticas*-objeto, ou, se preferirmos, de diferentes universos de discurso, como sejam, o universo de discurso científico, o universo de discurso tecnológico, o universo de discurso jurídico, o universo de discurso político, o universo de discurso jornalístico, o universo de discurso publicitário, o universo de discurso burocrático, o universo de discurso pedagógico, o universo de discurso religioso, dentre outros, aos quais correspondem outras tantas normas discursivas, e que constituem, por exemplo, o objeto da sociosemiótica, enquanto estudo dos discursos sociais não-literários.

5. UM CASO DE PARASSINONÍMIA OU CO-HIPONÍMIA DE DISCURSO, NAS RELAÇÕES ENTRE UM *CONCEPTUS LATO SENSU*, SUA ESTRUTURAÇÃO SEMÂNTICO-CONCEPTUAL E SUAS MANIFESTAÇÕES LÉXICO-SEMÂNTICAS

Sabemos que os diferentes universos de discurso se caracterizam, dentre outros aspectos, por suas *estruturas de poder*, por suas *modalidades, modalizações, sobremodalizações e sobredeterminações* (Pais, 1984; 1993: 454-520). Assim, o discurso científico (ou da produção do conhecimento) se define pela modalidade complexa *poder-fazer-saber*; o discurso tecnológico (ou da competência) se define, por sua vez, pela modalidade complexa *poder-saber-fazer*; o discurso político, pela modalidade complexa *poder-fazer-querer*; o discurso jurídico, pela combinatória modal *poder-fazer-dever*; o discurso burocrático, pela combinatória *poder-fazer-fazer*.

A seu turno, o *discurso pedagógico* revela uma estrutura de poder muito complexa, que pode ser assim formalizada:

Universo de Discurso	Estruturas de poder – Modalidades complexas
Discurso pedagógico	<p><i>Poder-fazer-saber</i> ⇒ ⇒ <i>poder-saber-fazer</i> ⇒ ⇒ <i>poder-fazer-querer</i> ⇒ ⇒ <i>poder-fazer-dever</i> ⇒ ⇒ <i>poder-fazer-creer</i></p>

Figura 5: Estruturas de poder do discurso pedagógico

Isso significa, noutras palavras, que se trata de um discurso voltado para a *formação* e a *informação*, ou seja, que se propõe a criar e transmitir *conhecimento*, a gerar uma *competência*, a despertar uma *vocação*, a instaurar uma *ética* geral e profissional e a estabelecer, desse modo, um *sistema de crenças* a propósito dos elementos precedentes.

Além disso, são amplamente reconhecidas as relações que se estabelecem entre o *discurso pedagógico*, de um lado, e o *discurso político* (da política educacional, sobretudo), do *discurso jurídico* (da legislação pertinente), do *discurso burocrático-administrativo* (da gestão das instituições e do processo ensino/aprendizagem), etc., de outro.

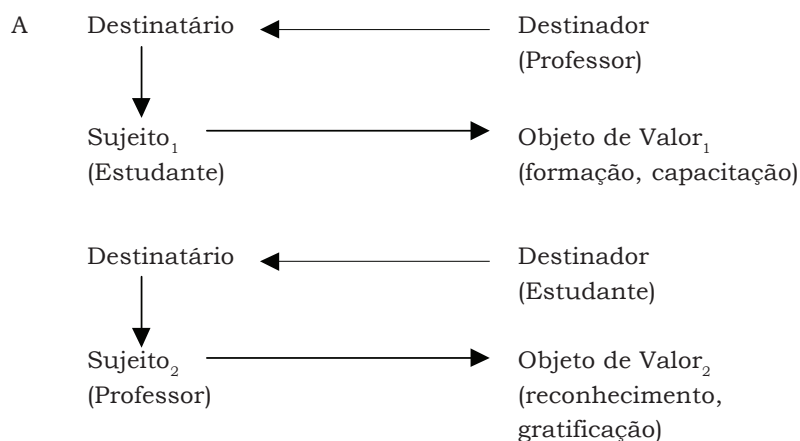
Consideremos, pois, o *conceptus lato sensu* <<instituição de ensino superior>>. Trata-se, evidentemente, de um *conceptus* que se semiotiza e lexemiza em micro-universos de discurso de diferentes Sujeitos de discurso, como o estudante, o professor, o funcionário, a instituição, a mantenedora, o legislador, o administrador, os órgãos governamentais competentes, a família do estudante, a sociedade como um todo. Nessa perspectiva, a unidade léxica que manifesta o *conceptus lato sensu*, ou seja, *instituição de ensino superior*, em nível de sistema, só pode ser *polissêmica* e, mesmo, *polissemêmica*.

Por outro lado, cada um desses Sujeitos de discurso tem seus programas narrativos próprios, seus objetos de valor específicos. Assim, por exemplo, o <<estudante>> busca, em

princípio, [+conhecimento], [+capacitação profissional]. [+ascensão social], [+socialização]; o <<professor>> persegue [+salário], [+reconhecimento profissional], [+gratificação psicológica], [+ascensão social]; a <<instituição/mantenedora>> pretende realizar [+prestação de serviços] e alcançar [+reconhecimento público], [+recursos financeiros].

Obviamente, seria impossível esgotar, no espaço deste trabalho, a análise semântico-conceptual e semêmica de todos os Sujeitos de discurso envolvidos, tais como os citados mais acima. Ao fazê-lo, procuramos mostrar a complexidade da questão. Para os fins deste artigo, no entanto, limitamos, mais especificamente aos três casos considerados por último, os do <<estudante>>, do <<professor>>, da <<instituição/mantenedora>>.

Do ângulo das estruturas narrativas, temos três discursos em que S_1 = estudante, S_2 = professor, S_3 = instituição/mantenedora, de tal forma que estudante, professor, instituição/mantenedora se definem por uma relação actancial de *destinação recíproca*, dois a dois. De acordo com o modelo semiótico das relações actanciais, temos:



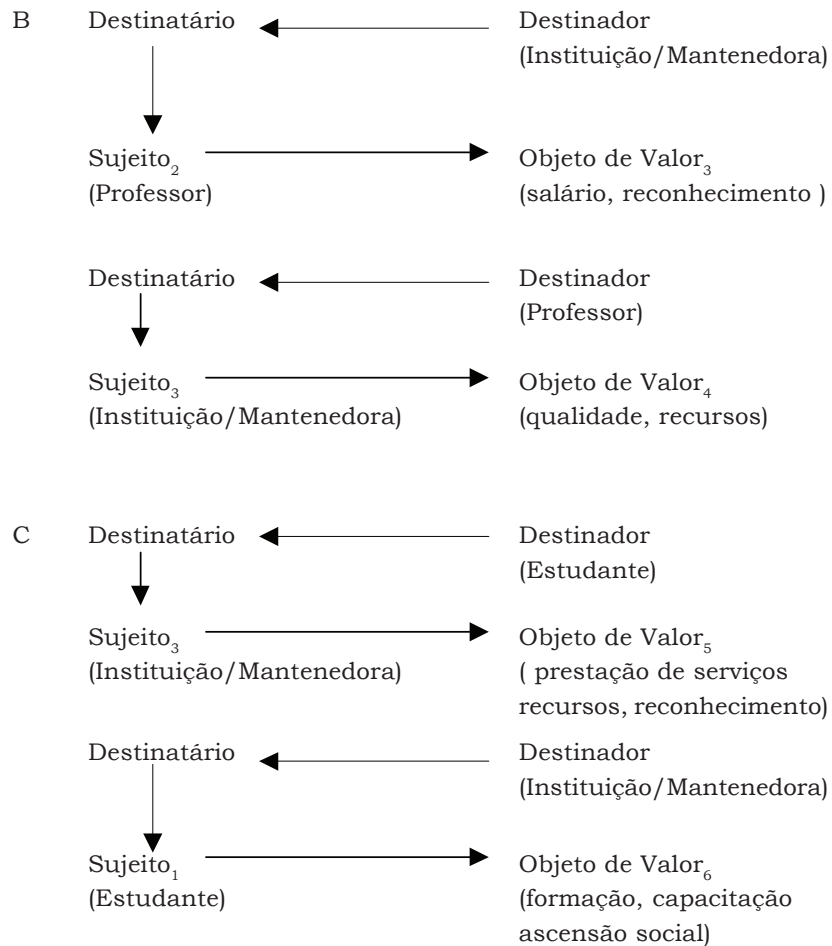


Figura 6: Aspectos das estruturas narrativas nas relações entre Destinatadores e Destinatários-Sujeitos “Estudante”/”Professor”/”Instituição “.

Vale a pena conferir, a esse respeito, o trabalho de Kaplanas (1997: 185).

Depreende-se desses programas narrativos, como dos objetos de valor e da análise semântico-conceitual e semêmica vista mais acima, que os três Sujeitos em tela – da mesma forma que os demais Sujeitos envolvidos no processo – fazem, cada um deles, um *recorte* distinto do *conceptus lato sensu*

<<instituição de ensino superior>>, privilegiando certas zonas de traços semântico-conceptuais e deixando latentes outras zonas, de modo a definir *metaconceptus* e *metametaconceptus* distintos, conquanto se mantenha sempre a intersecção absoluta do *arquiconceptus*.

Temos, pois:

Conceptus lato sensu <<instituição de ensino superior>>

Subconjunto do <<estudante>>

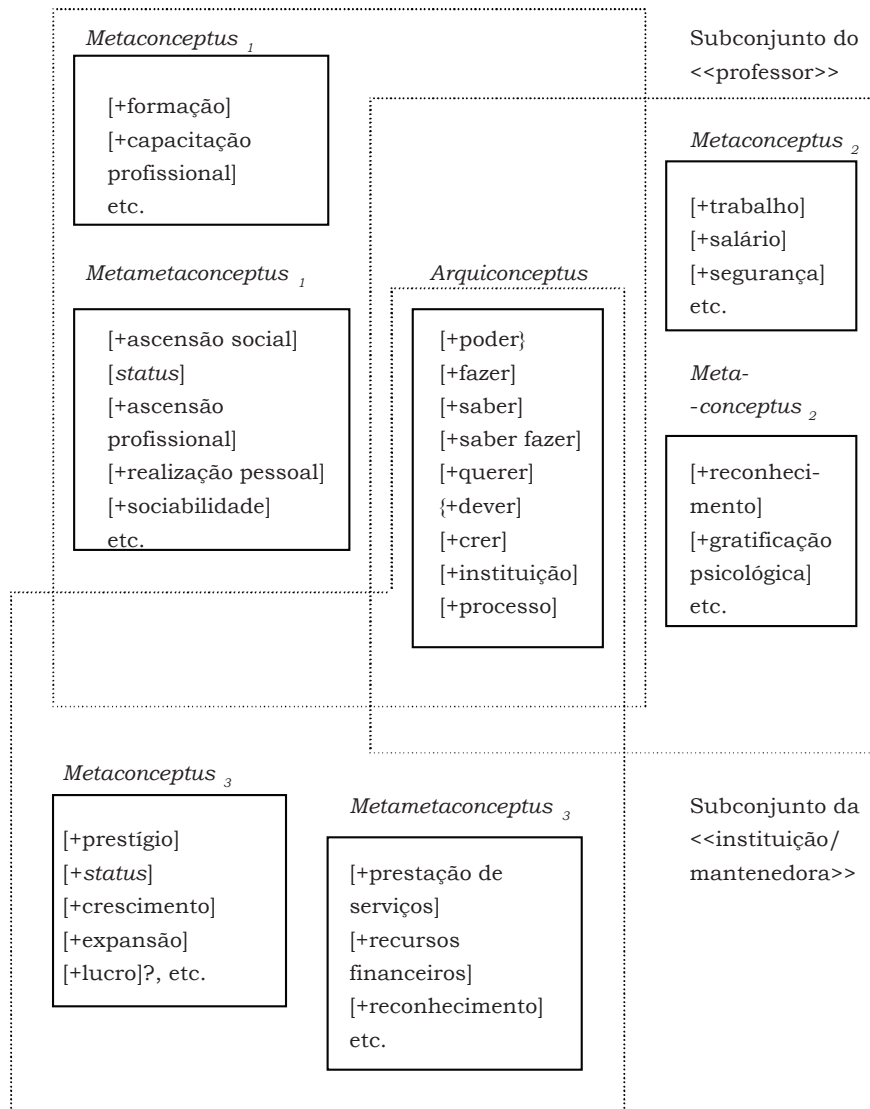


Figura 7: Estrutura do conceptus lato sensu <<instituição de ensino superior>>, ao nível da semântica cognitiva

Tratando-se *instituição de ensino superior* de uma única unidade lexical (uma lexia complexa, de acordo com Pottier), em nível de sistema, cumpre indagar se temos, no exemplo acima, *nas conceptualizações (concepções/apreensões) construídas*, em nível hiperprofundo, *e manifestadas*, em nível de discurso, *nos discursos* dos três Sujeitos (individuais e/ou coletivos) considerados, relações de *parassinonímia* ou de *co-hiponímia*.

Nesses termos, relações de significação como parassinonímia, co-hiponímia e hiperonímia/hiponímia podem ser determinadas no nível conceptual, de *conceptus*, passando, em seguida, pelas subseqüentes conversões/transformações do percurso gerativo da enunciação.

Como se pode observar, configura-se um *arquiconceptus*, enquanto subconjunto de traços semântico-conceptuais constitutivos da intersecção absoluta dos três *conceptus* resultantes do *processo de conceptualização* dos três Sujeitos de discurso, estudante, professor e instituição/mantenedora, em função dos interesses, necessidades, em suma, dos microssistemas de valores sustentados pelos Sujeitos em seus discursos. Os três *metaconceptus* que lhes correspondem compreendem traços semântico-conceptuais culturais, configuram *consensos* dos segmentos sociais representados e, até certo ponto, da sociedade como um todo. Entretanto, os *metametaconceptus* compreendem traços semântico-conceptuais modalizadores, eminentemente manipulatórios, que dizem respeito ao caráter político dos discursos em que se manifestam e, que, por conseguinte, conduzem a uma visão global do 'sistema'. Evidentemente, a análise que apresentamos, vale repetir, é ilustrativa e não exaustiva e, mais ainda, constitui, apenas, uma *leitura*. Outras *leituras* certamente são perfeitamente exeqüíveis.

6. CONCLUSÃO

Verificamos, pois, que o *poder-fazer-saber* do *sujeito cognitivo* só pode realizar-se através de um *poder-saber-fazer* do *sujeito enunciador-enunciatário* do discurso, que, manifestando-se, conduz à realimentação e à regulação do metassistema conceptual e dos processos semióticos dele dependentes. *O sujeito cognitivo e o sujeito semiótico produzem um saber sobre o 'mundo' e sobre si mesmos e são simultaneamente produzidos num processo, em que são determinantes a racionalidade, a sensibilidade, a intuição, a afetividade e a historicidade.*

Observamos, ainda, que os discursos só significam na *interdiscursividade*, como também os textos só significam na *intertextualidade*, impondo-se a distinção entre esses dois tipos de relações, a primeira concernente à enunciação, ou seja, ao processo de produção discursiva, a segunda, relativa aos enunciados-textos que daquele processo resultam.

Verificamos, enfim, que a *instância de competência* de uma *semiótica-objeto* traduz em *grandezas-signos*, *funções semióticas* e *metasemióticas* os *conceptus*, 'modelos mentais' dialeticamente articulados aos *designata*, os recortes culturais.

Dessa maneira, a partir de determinada *experiência*, o *metassistema conceptual*, constituído pelos *conceptus lato sensu*, sua rede de relações e pelos complexos conceptuais, preside o percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação. Do *fazer interpretativo* do enunciatário resulta a *realimentação e auto-regulação* do metassistema conceptual e, conseqüentemente, da instância de competência de todas as semióticas-objeto dele dependentes, no âmbito de uma cultura. Desse complexo processo decorre a permanente (re)elaboração da 'visão do mundo', a incessante (re)construção do *mundo semioticamente construído*. No âmbito da língua dita natural e dos seus discursos, determina, também, aquele processo a transformação e o enriquecimento do léxico.

BIBLIOGRAFIA:

- ARISTOTE (1963) – *Rhétorique*, Livres I e II (Paris, “Les Belles Lettres”).
- BARBOSA, M. A. (1988) – “Relações de significação nas unidades lexicais”. In: CARVALHO, N. M. de (Ed.) e SILVA, M. E. B da (Org.) *Anais do 1.º Encontro Nacional do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, (UFRJ, 22-24 de abril de 1997)*. (Recife, UFPe, 1998), p. 19-40).
- _____. (1999) – “Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações”. In: *Revista brasileira de lingüística*, vol. 10 (São Paulo, Plêiade), p. 29-52.
- _____. (2000) – “Estruturas e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais”. In: *Acta semiotica et linguística*, v. 8. (São Paulo, Plêiade) p. 95-120.
- BÉJOINT, H., THOIRON, Ph. et al. (1996) – “Notion d’ “archi-concept” et dénomination”. In: *Meta. Journal des Traducteurs*. (Montréal, Presses de l’Université de Montréal, p. 512-523).
- COSERIU, E. (1967) – *Teoría del lenguaje y lingüística general*. (Madrid, Gredos).
- COURTÉS, J. (1991) – *Analyse sémiotique du discours. De l’énoncé à l’énonciation*. (Paris, Hachette).
- DUBOIS, D. et al. (1991) – *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité* (Paris, CNRS).
- FREUND, G. (1927) – *Grand dictionnaire de la langue latine*. Traduit par N. Teil. (Paris, Firmin-Didot).
- GAFFIOT, F. (1934) – *Dictionnaire latin-français*. (Paris, Hachette).
- GREIMAS, A. J. et COURTÉS, J. (1979) – *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. (Paris, Hachette), p. 157-162.
- HJELMSLEV, L. (1968) – *Prolégomènes à une théorie du langage* (Paris, Minuit).
- KAPLANAS, I. (1997) – *Interação e acordos num discurso sindical de Professores do 3.º Grau do Ensino Particular de São Paulo (SINPRO/SP): uma análise sociosemiótica*. Tese de Doutorado. (São Paulo, FFLCH-USP).
- PAIS, C. T. (1984) – “Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso”. In: *Revista Brasileira de Lingüística*, v. 7, n. 1. (São Paulo, Global Editora), p. 43-65.
- PAIS, C. T. (1993) – *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Doctorat d’État

ès-Lettres et Sciences Humaines. Directeur de Recherche: Bernard Pottier (Paris, Université de Paris-Sorbonne (Paris-IV), Lille, Atelier National de Reproduction des Thèses), 761 p.

_____. (1998) – “Conceptualisation, dénomination, désignation, référence. Réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde”. In: *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines*. (Lyon, Université Lumière Lyon 2), p. 371-384.

_____. (1999) – “Étude comparée de microsystèmes de valeurs des cultures française et brésilienne: essai en sémiotique des cultures”. In: *INFO-CREA – Revue du Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques*. Volume 6. (Lyon, Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques de l'Université Lumière Lyon 2, p. 13-21).

_____. (2000) – “Aspectos de las visiones del mundo y de los sistemas de valores en culturas de la América Latina y del Caribe”. In: *Acta semiotica et linguistica*, v. 8. (São Paulo, Plêiade, p. 395-421).

POTTIER, B. (1974) – *Linguistique générale*. (Paris, Klincksieck).

_____. (1987) – *Théorie et analyse en linguistique*. (Paris, Hachette).

_____. (1992) – *Sémantique générale*. (Paris, PUF).

RASTIER, F. (1991) – *Sémantique et recherches cognitives* (Paris, PUF).

ABSTRACT: *This paper, which is multidisciplinary, looks into some aspects of parasynonymy and co-hyponymy as conceptual and metalinguistic phenomena, as the determinant procedures of intertextuality and interdiscursivity, as relationships among cognition, semiosis and transcoding, according to articulations that can be postulated considering cognitive semantics, language semantics, discourse semantics, socio-semiotics and culture semiotics. We conclude it with a case study.*

Keywords: *Interdiscursivity; Intertextuality; Lexicon; Cognitive Semantics; Semiotics.*